

# L'hospitalité : déconstruire le concept, décoloniser le sens

Renan Gonçalves Rocha (IFG)\*

<https://orcid.org/0000-0001-9837-5166>

## Résumé :

Dans cet article, nous allons faire un parcours au sein de la pensée derridienne de l'aporie. Il s'agit de montrer comment une approche aporétique de la question de l'hospitalité nous renvoie à la disruption du « concept ». Du fait de la construction d'un champ homogène du « sens » et de l'homogénéité du concept même, sa perspective monolingue, entendue comme la colonisation en tant que production de l'unicité du propre sens, n'ouvre pas de possibilité ambivalente au transbordement comme perspective de déconstruction. Alors que la déconstruction de l'homogénéité du concept est centrale parce qu'elle ouvre à d'autres perspectives, d'autres sens et concepts, c'est précisément cette démarche qu'emprunte l'hospitalité : une déconstruction du « concept » et une décolonisation du « sens ». Ainsi, si pour Derrida l'hospitalité est prise comme sujet de sa pensée, c'est parce que son injonction constitutive, son rapport au concept lui-même est aporétique, intrinsèquement ambivalent et disruptif. L'ouverture du « concept » est l'hospitalité.

**Mot-clés :** décolonial ; déconstruction ; concept ; sens ; hospitalité.

## Resumo:

### Hospitalidade: desconstruir o conceito, descolonizando o sentido<sup>1</sup>

Neste artigo, faremos um passeio pelo pensamento derridiano da aporia. Trata-se de mostrar como uma abordagem aporética da questão da hospitalidade nos remete à ruptura do “conceito”. Devido à construção de um campo homogêneo de “sentido” e à homogeneidade do próprio conceito, sua perspectiva monolíngue, entendida como colonização e como produção da unicidade de seu próprio sentido, parece não abrir nenhuma possibilidade ambivalente, ao transbordamento como perspectiva da desconstrução. Se a desconstrução da homogeneidade do conceito é central porque abre outras perspectivas, outros significados e conceitos, é precisamente esta abordagem que a hospitalidade assume: uma desconstrução do “conceito” e uma

\* Professor de Filosofia do Instituto Federal de Goiás – IFG e doutorando em Filosofia pela Universidade Paris Nanterre. Pesquisador ligado ao Núcleo de Pesquisa em Filosofia – NUPEFIL (IFG) e ao Institut de Recherches Philosophiques – IREPH (Université Paris Nanterre). E-mail: [renangrocha@yahoo.com.br](mailto:renangrocha@yahoo.com.br)

1 Tradução de Marlie Mariano. E-mail: [marliedelarica@gmail.com](mailto:marliedelarica@gmail.com)

descolonização do “sentido”. Assim, se para Derrida a hospitalidade é tida como tema de seu pensamento, é porque sua injunção constitutiva, sua relação com o próprio conceito é aporética, intrinsecamente ambivalente e disruptiva. A abertura do “conceito” é a hospitalidade.

**Palavras-chave:** Descolonização; Desconstrução; Conceito; sentido; Hospitalidade.

A abordagem derridiana sobre a homogeneidade do sentido ou do conceito como uma “*unidade formal* da forma e do sentido” (DERRIDA, 1967, p. 13)<sup>2</sup> é expressa como uma imposição monolíngue (DERRIDA, 1996), ou seja, não somente a imposição de uma língua, mas também de um sentido homogêneo, de uma tradição, de uma memória e de um único imaginário possível para os sentidos. No entanto, acontece que o conceito colide consigo mesmo e é justamente nessa colisão que podemos pensar a centralidade da hospitalidade para Derrida.

Um pensamento aporético do conceito cria uma tensão na própria língua, deslocando o sentido do conceito, abrindo-o para o outro, para outras perspectivas, para outras memórias e para outras tradições. Trata-se da ruptura com o monolinguismo, com essa “unidade” construída como conceito e produção de um sentido uniforme. Esse deslocamento ocorre por meio de uma espécie de jogo posicional em que os conceitos não têm somente um significante, mas são sempre performativos. Eles deslizam de um significante a outro, o que desestabiliza sua própria unidade. Na verdade, trata-se de um tipo de tradução “intralinguística” (RODRIGUES, 2020), que vai além da tradução de uma língua para outra: ela traduz a língua para si mesma, o que não produz apenas uma polissemia do conceito, mas também a desestabilização do próprio sentido do conceito.

2 Tradução livre, assim como as de todas as próximas citações.

Segundo Derrida, a imposição de um sentido pelo conceito nunca é uma determinação absoluta, sem possibilidades de escape. O estabelecimento de fronteiras ou um “campo” para o conceito ou para o sentido vem com o transbordamento dessas fronteiras impostas. Assim, se a hospitalidade é um exemplo de aporia para Derrida, é porque o acolhimento corresponde a ir além do próprio conceito de acolhimento, visto que se traduz de maneira diferente em cada caso. Essa tradução interna do conceito em relação a si mesmo, que desestabiliza seu sentido, também faz com que o conceito tenha inúmeras implicações, assim como uma performatividade sempre em movimento.

### **Aporia: indo além do conceito no conceito**

Um excesso, um transbordamento já não implicam um limite a ser atravessado? E, conseqüentemente, uma nova dualidade entre o limite e seu além? Encontramos aí a porosidade da questão do sentido do conceito e a complexidade da linguagem derridiana. De fato, o *sair* (KOFMAN, 1983) não significa sair de uma exterioridade radical, mas sim mover-se entre as aporias, criando constantemente aporias. É a “capacidade muitas vezes artil [...] de inverter as perspectivas e extrair forças ativas de locais onde estavam imobilizadas, fixas, presas, enclausuradas” (PROUST, 1997, p. 5-10).

Nessa linguagem sinuosa, não devemos pensar no transbordamento, no além, no

excesso, como limites a serem superados. Esses conceitos aparecem em movimento entre poros permeáveis de uma pele limitante, para se libertar dos embaraços aporéticos que paralisam. Por fim, o pensamento derridiano da aporia<sup>3</sup> não se relaciona com o transbordamento clássico do limite como estabelecimento da interioridade e da exterioridade. Para Derrida “o impasse ou a aporia se deve ao fato de que não há limite. Não existem ainda ou não existem apenas duas margens: o limite é muito poroso, permeável, indeterminado” (DERRIDA, 1995, p. 44). O *além*, o transbordamento, é, portanto, entendido na perspectiva de “sair de si mesmo na sua posição” (DERRIDA, 1968).

Esse postulado, já desenvolvido por Derrida em seus escritos de 1968 (*La différence*), explica, por exemplo, a complexidade da discussão em relação ao *rastro*, mas sobretudo como essa proposição perturba o sentido do conceito com essa noção *além-dentro*, ou ainda como uma investida aporética sobre o fechamento do conceito permite sair do impasse paralisante que é o próprio fechamento. Por exemplo, segundo Derrida (1968), o *rastro* é o que não pode ser apreendido no conceito: ele está dentro e fora do conceito. Na verdade, o *rastro*:

não sendo uma presença, mas o simulacro de uma presença que se desloca, se move, retorna, não tem um lugar próprio, o apagamento pertence à sua estrutura. Não só o apagamento que deve sempre poder surpreendê-lo, caso contrário não seria um rastro mas uma substância indestrutível e monumental, mas o apagamento do lugar é o que o faz desaparecer na sua aparição, sair de si mesmo na sua posição (DERRIDA, 1968).

Em *L'écriture et la différence* (1967), ele já apresenta a noção de sair da escrita den-

tro dela mesma. Ou seja, é pensar uma escrita que se move “na linha quebrada” e também quebra a promessa da palavra – o dizer. Como explica Jean Michel Salanskis:

o evento do dizer não pode se proteger de sua resorção no Dito, é o que acontece. A desestabilização da tendência substancializante da metafísica, à qual Derrida está particularmente apegado, deve, portanto, ser estudada e esperada tanto com referência à análise do Dito como rastro [...] quanto através da reivindicação do Dito como o se endereçar [...]. (SALANSKIS, 2010, p. 111-112)

Trata-se de dizer traindo a promessa do *querer-dizer* (DERRIDA, 1983, p. 36), uma promessa já fracassada. Posteriormente, Derrida evoca em *En ce moment même* (1998) a saída da língua: “a passagem para além da língua exige a língua, ou melhor, o texto como lugar de rastros para um passo que não está (presente) em uma exterioridade” (DERRIDA, 1998, p. 170). E ainda para refletir sobre o conceito e seus transbordamentos, em *Mot d'accueil* (1997), ele toma o exemplo da abertura no conceito do político, ou seja, do político para além de si mesmo. Daí a noção do político “além do político, mas dentro do político” (BENSUSSAN, 2018, p. 81). É uma espécie de excesso do conceito sobre si mesmo, excesso que Gérard Bensussan traduz como uma “cena do além-dentro” (BENSUSSAN, 2018, p. 138). Bensussan explica que para Derrida existe um tipo de cena na qual é necessário pensar:

além da ética na ética, e além da política na política [...] Quer dizer [devemos tentar agir, diria Derrida], em uma cena onde o além se apresenta no próprio lugar que deveria contê-lo e negá-lo e onde, conseqüentemente, “ele não acena para o apolítico”. Uma cena cujos bastidores seriam abertos incessantemente. [...] A cena que ele retrata, onde os protagonistas podem ser numerosos, ir e vir, falar e calar, oferece a representação dramá-

3 E, também devemos reconhecer a influência de Sarah Kofman em seu pensamento.

tica do nosso mundo, da nossa situação neste mundo partido [...] (BENSUSSAN, 2018, p. 86).

É, portanto, nessa linguagem sinuosa da aporia que o *além* e o transbordamento não são considerados a partir da ideia de bordas a serem ultrapassadas, mas como uma porosidade onde se encontra a abertura do conceito e a desestabilização de um sentido monolíngue do conceito. Para explicar esse excesso da aporia, Derrida ilustra ainda em seu livro *Mot d'accueil*, com o conceito de paz, o que Bensussan chamou de *cena do além-dentro*. Esta noção é decisiva para descrever as implicações da reflexão derridiana sobre o conceito e a formação de um sentido homogêneo, a saber, o monolinguismo intrínseco a uma perspectiva colonial, que se impõe como conceito, mas, sobretudo, impõe os sentidos possíveis de toda a conceitualidade. Assim, o esforço de desconstruir a unicidade do conceito anda de mãos dadas com a descolonização do sentido, ou seja, com a abertura radical a outras possibilidades de sentidos e conceitos. De acordo com Derrida (1996-1997, f. 5) a hospitalidade é a desconstrução de qualquer conceito, não somente porque ela desmonta a violência do compreender e da captura conceitual, mas sobretudo porque ela é a abertura ao incompreensível. Como abertura radical ela é também a abertura do conceito a outro, ao seu contrário como uma coabitação de um dentro do outro.

A noção de hospitalidade para Derrida é assim utilizada para explicar o enclave no conceito, e o atravessamento do sentido do conceito, onde a abertura hospitaleira para o outro já é a desestabilização da homogeneidade do sentido. O próprio conceito de hospitalidade vai além de si mesmo e, assim, se cada conceito é aberto para outro e se um assombra o outro, este outro se encon-

tra antes de tudo dentro do conceito, ele se encontra em um enclave dentro de outro. A hospitalidade como experiência de abertura desloca, desmonta, a unicidade da forma e libera um pensamento do conceito como experiência com outro.

A hospitalidade como essa experiência desconstrutora não é unicamente um exemplo entre outros, ela é o exemplo da desconstrução pois implica diversos entrelaçamentos e aporias - o *sair de si mesma na sua posição*, o *ir além do conceito dentro do conceito* - desconstruir o próprio lugar do conceito e de sua intencionalidade. Assim, segundo Derrida, a hospitalidade como essa desconstrução do conceito de conceito, se abre para seu outro até se desidentificar, e o outro dessa relação se encontra completamente dentro ao ponto que ele desidentifica o próprio do conceito.

O pensamento da hospitalidade inclui simultaneamente o entrelaçamento em um enclave, onde o interior já está entrelaçado com o exterior. É por isso que a topologia do conceito, sua estrutura, seu sentido, são desestabilizados, e mesmo contaminados, por aquilo que está fora do conceito. É o próprio significado da homogeneidade, do monolinguismo, que estão em perigo. É o que também podemos observar na compreensão derridiana do conceito de paz, que é uma forma de pensar os conceitos em geral. Ele diz:

[o conceito de paz] guarda *uma parte* política, ele *participa* do político mesmo que outra parte ultrapasse um certo conceito do político. O conceito vai além de si mesmo, transborda, é como dizer que se interrompe ou transborda para formar assim uma espécie de enclave dentro e fora de si: '*além-dentro*'. (DERRIDA, 1997a, p. 146)

Esta noção do *além-dentro*, que é decisiva para descrever as implicações do pen-

samento derridiano, é a *cena* do conceito e a *cena* do enclave que é a hospitalidade. No entanto, a hospitalidade é também um conceito que envolve questionar o quadro conceitual dos lugares: a cidade, a soberania, o território, o lar, o corpo, etc.

## O lugar como o lugar do conceito

Para repensar o conceito de hospitalidade, Derrida reposicionou a perspectiva *ontopológica* da conceituação e determinação do espaço. Ou seja, o projeto derridiano é o questionamento do lugar, de toda a sua estabilidade e sedentarização, a partir do lugar do conceito.

Ele tenta ir além da determinação do lugar como algo homogêneo, facilmente identificável, fixo, a partir do próprio conceito que é, segundo ele, instável. É precisamente o que chama de “a diferença local” (CIXOUS, 2019)<sup>4</sup>, ou seja, a abertura de um lugar no lugar onde “o des-locamento [do conceito] já estaria sempre dentro” (CIXOUS, 2019). Podemos, portanto, pensar o efeito desse *des-locamento* do conceito de lugar como um movimento que reintroduz e abre um lugar na compreensão da própria localidade. É a liberação de um movimento que questiona a rigidez do *topos*, fazendo-o colidir consigo mesmo. Em outras palavras, abre um espaço para outro lugar no lugar, para que o acolhimento, o lar, possam ser questionados a partir desse *des-locamento* sempre já dentro do lugar. Em *Spectre de Marx* (1997), essa problemática é levantada nos seguintes termos:

[...] O processo do des-locamento não é menos arqui-originário, ou seja, tão “arcaico” quanto o arcaísmo que ele sempre desalojou.

4 Cixous Hélène, Séminaire Des irréparables. IV. Le nom de l'Auteur ôté., Collège International de Philosophie, Fondation de l'Allemagne-Maison Heinrich Heine., 2018. Sessões 17 de novembro e 15 de dezembro de 2018 e 12 de janeiro de 2019.

É, aliás, a condição positiva da estabilização que ele sempre revive. Toda estabilidade em um local, seja uma estabilização ou uma sedentarização, será necessário que a diferença local, o espaçamento de uma des-locação dê o movimento. E dá espaço e dá lugar. Todo enraizamento nacional, por exemplo, está enraizado antes de tudo na memória ou na angústia de uma população deslocada - ou deslocável. “*Out of joint*” não é apenas o tempo, mas o espaço, o espaço no tempo, o espaçamento (DERRIDA, 1997, p. 137).

Pensar nesse *des-locamento* do lugar a partir do lugar do conceito, ou seja, a desestabilização do lugar pela diferença, também se resume a pensar as consequências da filosofia da diferença como filosofia da hospitalidade desestabilizando conceitos como os de “Estado-nação, soberania, fronteiras, solo e sangue”. Isto é a *ontopológia*, como uma espécie de “axioma ligando inseparavelmente o valor ontológico do ser-presente (*on*) à sua *situação*, à determinação estável e apresentável de uma localidade (o *topos* do território, do solo, da cidade, do corpo em geral)” (DERRIDA, 1997, p. 137).

A reflexão aporética existe precisamente para dar corpo e palavras ao procedimento desconstrutivo do lugar. Podemos, portanto, pensar em termos de *des-locamento* do lugar e, conseqüentemente, questionar os lugares determinados como lar: a cidade, a casa, o corpo. Ou seja, espaço na diferença, ou mesmo diferença de si mesmo.

## A tensão na forma

A contestação da estabilidade do conceito, ou do sentido homogêneo estabelecido pela imposição monolíngue, ocorre quando os limites desta se revelam por um lado e por outro, quando há referência aos limites do conceito para si mesmo. Se a forma do conceito é essa “*unidade formal* da forma e do sentido” (DERRIDA, 1967, p. 13), o que dá o

espaço do conceito, seu lugar, sua espacialização, é também o que desertifica e não leva em conta as forças dentro do conceito e dentro desse sentido.

É por isso que no texto *Force et Signification* (1967)<sup>5</sup>, ele questiona a noção de *força e forma* para pensar o conceito. Na verdade, a *força* é pensada como uma tensão na forma e como uma tensão na forma do próprio conceito de força, porque ele reenvia o conceito sobre sua própria forma. Ora, a *força* “[...] é a própria tensão da força [e] a *forma* fascina quando não se tem mais força para compreender a força dentro dela mesma [...]” (DERRIDA, 1967, p. 11)<sup>6</sup>.

Portanto, segundo Derrida, a forma, ou o conceito rígido e seu sentido, é uma “viagem superficial e mais abertamente [um] campo abandonado pelas suas forças. Totalidade abandonada pelas suas forças ainda que totalidade da forma e do sentido, trata-se então do sentido repensado como forma” (DERRIDA, 1967, p. 13). Ele acrescenta: “um pouco como a arquitetura de uma cidade inabitada ou destruída, reduzida a seu esqueleto por algum desastre natural ou da arte. Cidade não mais habitada nem

simplesmente abandonada, mas sobretudo assombrada pelo significado e pela cultura” (DERRIDA, 1967, p. 13)

Este exemplo, que não é um exemplo aleatório, remete-nos a um questionamento espaço-temporal do conceito, do seu próprio significado ou do espaço incluído neste conceito. A determinação da forma rígida do conceito como um espaço arquitetônico abandonado por algo ocorrido (como uma catástrofe), mostra uma determinação (mesmo que desértica) dos limites, dos sentidos, dos campos e dos espaços do conceito. Ela mostra onde há uma determinação espacial e temporal do conceito e do significado monolíngue.

Na verdade, existe, é claro, a consideração do espaço e do tempo como conceitos em si mesmos. Segundo Derrida, há uma desconstrução do conceito e, portanto, há também uma desconstrução do espaço e do tempo e do próprio sentido imposto. A dimensão arquitetônica, ou seja, o esqueleto dessa cidade inabitada, é questionada a partir dessa tensão em torno da forma e desse espaço sem vida.

Derrida reflete sobre a “*representação matemático-espacial*” (DERRIDA, 1967, p. 34) do conceito e em particular do conceito de lugar, que implica esse sentido unívoco de pensamento e, sobretudo, considera a perspectiva colonial em sua imposição monolíngue. Em suma, trata-se do engajamento questionando o lugar a partir do lugar do conceito, para desestabilizar a homogeneidade do sentido imposto.

## Aporia e diferença

Ao mesmo tempo, a desconstrução do lugar do conceito desloca e quebra a própria noção de sentido. Pensar a diferença no lugar como *espaçamento* significa mudar a perspectiva do próprio lugar. Trata-se de

5 Neste texto que podemos compreender, grosso modo, em duas partes, cuja primeira ele apresenta o estruturalismo e suas ligações com uma espécie de platonismo. E na segunda parte do texto ele discute dois exemplos centrais para a nossa reflexão, a saber, uma certa compreensão do performativo e do geométrico, que são noções no âmago de uma discussão do espaço e tempo.

6 Derrida Jacques, *L'écriture et la différence*, Paris, France, Éd. du Seuil, 1967, p. 11. “Compreender a estrutura de um devir, a forma de uma força, é perder sentido ganhando-o. O sentido do devir e da força, em sua qualidade pura e própria, é o descanso do começo e o fim, a paz de um espetáculo, horizonte ou rosto. Neste descanso e nesta paz, a qualidade do devir e da força é ofuscada pelo próprio sentido” (Ibid. P. 44). “Devemos almejar uma certa incapacidade da linguagem de sair de si mesma para saber sua origem, e não o pensamento da força. Força é o outro da linguagem sem a qual esta não seria o que é”. *Ibid.*

desconstruir as referências homogêneas do espaço para abrir outras referências e outras perspectivas. Essa abertura, como diferença local, é pensada a partir da diferença, ou seja, do conceito de diferença posto em questão pela diferença.

O objetivo de substituir o “a” pelo “e” é diferenciar a própria *diferença*. A ideia é provocar, ou melhor, forçar a ruptura de sua coesão. Escrever “diferença” é um gesto que revela o movimento de diferenciação da diferença: este enxerto do “a” na diferença muda a diferença, desestabiliza a sua homogeneidade, desloca-a e abre-a.

Em suma, a substituição silenciosa de “e” por “a” (no original, “différance”) visa a diferenciação: a diferença não é mais idêntica a si mesma. Ela é atraída por uma cadeia de deslocamentos que a lança *fora de si em si*. Em outras palavras, é o movimento que “se desloca constantemente em uma cadeia de substituições diferentes” (DERRIDA, 1968, p. 65).

Derrida propõe um pensamento aporético da diferença, onde esse deslocamento no próprio conceito desestabiliza a homogeneidade e sua determinação entendida como idêntica em si mesma. É precisamente um deslocamento dentro do próprio conceito. A diferença também acarreta em um movimento de deformação do conceito, que podemos pensar “fora de suas dobradiças” (DERRIDA, 1997, p. 137), como uma ruptura no conceito. Este gesto na escrita mostra a abertura e o deslocamento do conceito.

Se a hospitalidade é para Derrida um grande exemplo da aporia e da desestabilização do sentido, ou mesmo do sentido homogêneo do sentido, é porque a hospitalidade sempre está em movimento. Trata-se de uma proposição conceitual fugaz, que envolve a ambiguidade da não hospitalidade, mas sobretudo a tensão no interior da

sua própria forma conceitual. Ela provém da desconstrução do lugar do conceito, ou seja, do questionamento e da abertura do conceito de hospitalidade. Derrida pensa na hospitalidade em sua identidade não-idêntica. A hospitalidade em sua diferença consigo mesma, *hostipitalidade*. Uma fórmula de hospitalidade baseada na filosofia da diferença. Um gesto de escrita que permite que a hospitalidade seja libertada da estabilidade do sentido existente nos vocabulários jurídico-políticos bem como territoriais, éticos e coloniais.

Nessa perspectiva, podemos repensar o conceito de hospitalidade para poder compreender como Derrida formula o deslocamento de um sentido, a partir da substituição dentro do conceito. É exatamente isso que nos permite pensar sobre sua forma de explicar a artificialidade da construção do sentido e, assim, a artificialidade da desestabilização desse próprio sentido construído. A substituição na hospitalidade, Derrida nos mostrará, desloca o próprio sentido do conceito. Isso significa que a imposição do imaginário de reflexão, a memória que esse conceito carrega, também é deslocada assim que a imposição de um sentido é artificialmente alterada por essa construção imposta. Hospitalidade é, portanto, essa desestabilização do próprio sentido da substituição dentro do conceito. Em outras palavras, é a abertura aos imaginários e às memórias que implicam a mudança no sentido do conceito.

O conceito de hospitalidade é apresentado em Derrida como uma questão não-determinável, destituída de um sentido idêntico em si mesma. Portanto, de acordo com Derrida, é impossível conhecer, compreender, designar, conceituar ou mesmo legislar sobre a hospitalidade sem que ela se torne, antes de tudo, *hostipitalidade*. Porém, ao lermos os textos de Derrida sobre hos-

pitalidade, notamos também a questão da herança dos conceitos e a possibilidade de deslocamento do próprio conceito, da sua tradição e seus questionamentos. Podemos então nos questionar sobre questões da tradição e sobre a tradição do conceito, o que forma um sentido. Nessa perspectiva, seria necessário, portanto, deslocar e substituir a própria forma do sentido, ou traduzir o sentido em si mesmo, o que altera o sentido próprio e a singularidade do conceito. O que isso significa? Segundo Derrida, a substituição seria traduzir e retraduzir o conceito para ele mesmo, deslocar o sentido e produzir tensão no sentido, é justamente aí onde a substituição é a prova da artificialidade do questionamento da forma do sentido, ou da imposição de um sentido, porque impõe artificialmente um deslocamento no sentido que desestabiliza a unidade do próprio sentido.

### **Diferença e *hostipitalidade*:**

A diferença e *hostipitalidade* são formas de enxerto, são substituições que deslocam e abrem a diferença e a hospitalidade a outras questões e perspectivas. Trata-se de uma ação artificial que muda a forma, o sentido homogêneo do conceito.

Esses dois conceitos, segundo Derrida, são colocados, assim, em um jogo de substituições que desloca o sentido. Desta forma, Derrida tenta instalar um movimento onde a substituição desloca os conceitos e seu sentido. Assim, isso significa, substituir o sentido dentro do conceito, aí justamente onde o próprio campo conceitual é posto em questão, ou seja, deslocando o significado e a perspectiva imposta pelo próprio sentido.

A substituição enquanto deslocamento do sentido cria outra cadeia de sentidos, de imaginários, e de conceitos e perspectivas. Isso mostra o próprio significado, unívoco,

desestabilizado. Em suma, visto que há uma substituição no conceito, há também um desmembramento e um deslocamento do próprio sentido. É por meio desse movimento que abrimos a questão da hospitalidade *para além* da hospitalidade *dentro* da hospitalidade.

Para Derrida, é no movimento de substituição que se abre a possibilidade de questionar a hospitalidade em sua performatividade antropológico conceitual, a cena antropocêntrica de uma hospitalidade sempre oferecida - para *quem*? Podemos, assim, deslocar a hospitalidade dela mesma e falar de uma outra hospitalidade?

Nesta perspectiva, a desestabilização do sentido do conceito, do quadro imposto, coloca em questão justamente todos os sentidos. É aí, nesse atravessamento do sentido do conceito, do lugar, da língua, que Derrida estabelece a ligação entre a desestabilização do conceito e a própria hospitalidade, não apenas como um exemplo entre outros, mas como uma desestabilização da homogeneidade imposta ao próprio "conceito" e sua composição homogênea. Essa transgressão é uma transgressão do acolhimento, um deslocamento do conceito como deslocamento da hospitalidade e do seu sentido.

Apenas nesta cena é que podemos voltar ao próprio da hospitalidade, ou seja, a abertura do próprio sentido, transpassar o monolinguismo é a hospitalidade como ruptura da perspectiva colonial. A hospitalidade é acima de tudo e principalmente uma aporia disruptiva. Em outras palavras, uma aporia disruptiva no conceito é a hospitalidade.

Deste modo, para concluir, a substituição no conceito abre a questão da hospitalidade para outras perspectivas, uma vez que abre o próprio sentido do conceito. Para nós, a formulação do quadro monolíngue (DER-



RIDA, 1996) está atrelada a uma perspectiva de constituição do sentido com todas as implicações necessárias para a formulação de uma política identitária de formações do território, do “eu”, do “outro” como imposição colonial. A identidade do conceito e do sentido é a base da própria identidade, como uma construção, e como uma imposição sobre o outro. É a imposição do monolinguismo ao outro, então desconstruí-lo é também descolonizá-lo.

A substituição no conceito desloca o significado como uma forma de sair do conceito dentro do conceito - sair do monolinguismo. A desestabilização desta perspectiva é o que permite pensar de forma diferente o próprio conceito e abrir-se a outros imaginários, memórias e noções. Desconstruir o conceito é uma forma de descolonizar o sentido.

## Referências

Bensussan Gérard, « **La scène de l'au-delà-dans. Penser la politique avec Levinas et Derrida** » in *Derrida- Levinas : an alliance awaiting the political - une alliance en attente de politique*, édité par Orietta Ombrosi et Raphael Zagury-Orly et collaboration de Victoria Rehm, Philosophy, Italie, Mimesis International, 2018.

Cixous Hélène, Séminaire Des irréparables. IV. Le nom de l'Auteur ôté, Collège International de Philosophie, Fondation de l'Allemagne-Maison Heinrich Heine, 2018.

Derrida Jacques, *Psyché, inventions de l'autre*, Paris, France, Galilée, impr. 1998, 417 p.

\_\_\_, *Adieu : à Emmanuel Lévinas*, Paris, France,

Galilée, 1997a, 210 p.

\_\_\_, *Spectres de Marx : l'Etat de la dette, le travail du deuil et la nouvelle Internationale*, Paris, France, Galilée, 1997, 278 p.

\_\_\_, *Le monolinguisme de l'autre : ou la prothèse d'origine*, Paris, Éditions Galilée, « Incises », 1996, 135 p.

\_\_\_, *Séminaire sur l'hospitalité, troisième séance, II boîte.*, [Séminaire], 1996-1997 IMEC - Institut Mémoires de l'édition Contemporaine, 219 DRR 235.1.

\_\_\_, *Apories : mourir, s'attendre aux « limites de la vérité »*, Paris, Galilée, « Incises », 1995, 140 p.

\_\_\_, *La Voix et le phénomène: introduction au problème du signe dans la phénoménologie de Husserl*, Paris, France, Presses universitaires de France, 1983, 117 p.

\_\_\_, *Jacques Derrida - La Différance*, Éditions Ismael (1968), <https://editions-ismael.com/fr/2016/05/27/1968-jacques-derrida-la-différance-2>, 1968, consulté le 31 octobre 2019.

\_\_\_, *L'écriture et la différence*, Paris, France, Éditions du Seuil, 1967, 435 p.

Kofman Sarah, *Comment s'en sortir ?*, Paris, Galilée, « Débats », 1983, 113 p.

Proust Françoise, « **Impasses et passes** », in *Les cahiers du GRIF*, n° 1, vol. 3, 1997, p. 5-10.

Rodrigues Carla, « **Ce qui demeure irréductible dans le travail du deuil et dans la tâche du traducteur** », in *Revue ITER*, n° 2, vol. 1, 2020, « lire-travailler-derrida », p. 23.

Salanskis Jean-Michel, *Derrida*, Paris, France, les Belles lettres, 2010, 172 p.

*Recebido em: 14/10/2020*

*Aprovado em: 20/11/2020*



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.